

Votação foi desafio para líderes

José Varella/AE—22/1/92

BRASÍLIA — Se não valeu como teste de fogo da base governista no Congresso, a votação do projeto do salário mínimo serviu ao menos para medir de forma mais precisa a força de alguns dos principais atores do jogo do poder em Brasília. Revelou-se o estilo do secretário de governo, Jorge Bornhausen. Coerente com as suas raízes germânicas, ele tratar bem os amigos que ajudam o governo, e não dá moleza para os amigos que ameaçam trai-lo. Foi o que ele fez com o PDC, aliado tradicional que, como o médico que espera para cobrar o preço da consulta só na hora de dar o remédio, ameaçou ir contra o governo por sentir-se “maltratado” na divisão de cargos dos escalões inferiores do governo.

Vendo que os 19 votos do PDC poderiam representar a derrota do governo na Câmara, Bornhausen jogou pesado. Num encontro com quatro deputados do partido antes da votação, lembrou que o líder na Câmara, deputado Eduardo Siqueira Campos (TO), ainda era uma “criança” perto dos seus 25 anos de vida pública. Mandou-o pensar mais no Brasil e, no final, conseguiu arrecadar os votos de 13 dos 19 deputados do PDC. Como consequência da votação, consolidou-se também a liderança do líder do bloco governista, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA).

Além dos ressentimentos surgidos no PDC, a votação do projeto do salário mínimo revelou problemas em outro partido da base governista: o



Posição consolidada

Luís Eduardo: habilidade para disciplinar seu partido e garantia do comando dos governistas

PDS do ex-governador Paulo Maluf. Um quarto da bancada do partido votou contra o projeto do governo. Engrossada principalmente por deputados do Rio Grande do Sul, a dissidência deixou em posição incômoda dois novatos do governo Collor, que entraram na última reforma ministerial — o ministro das Minas, Energia

e Metalurgia, Pratini de Moraes, e o secretário nacional de Comunicações, Nelson Marchezan, ambos gaúchos e filiados ao PDS. No dia seguinte à votação, Marchezan estava angustiado. Fez vários telefonemas a colegas do partido para conhecer os motivos da rebelião contra o governo, mas já era tarde. (G.E.)